

## **O trabalhador na literatura de João Antônio: o caso de *Malagueta, Perus e Bacanaço***

**Julio Cezar Bastoni da Silva**

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará

 <https://orcid.org/0000-0002-0086-1148>

E-mail: [juliobastoni@ufc.br](mailto:juliobastoni@ufc.br)

**Resumo:** Este trabalho visa desenvolver algumas reflexões sobre a figura do trabalho e do trabalhador na ficção de João Antônio, a partir de uma abordagem dos contos publicados no livro de estreia do autor, *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963). É possível perceber, no conjunto das narrativas curtas presentes na coletânea, certa identidade entre as experiências sociais representadas, que se dão para além das diferentes origens sociais dos personagens de cada conto. Desse modo, talvez seja possível perceber a contribuição original de João Antônio para a representação das classes populares brasileiras, seus possíveis anseios e dilemas, participando de uma tradição que, de uma ou outra maneira, ainda é presente em autores das gerações contemporâneas.

**Palavras-chave:** João Antônio; *Malagueta, Perus e Bacanaço*; Trabalhador na literatura brasileira; Literatura e classes populares.

### **The worker in João Antônio's literature: the case of *Malagueta, Perus and Bacanaço***

**Abstract:** This paper aims to develop some reflections on the figure of work and the worker in João Antônio's fiction, based on an approach to the short stories published in the author's debut book, *Malagueta, Perus and Bacanaço* (1963). It is possible to perceive, in the set of short stories present in the collection, a certain identity between the social experiences represented, which occur beyond the different social origins of the characters in each story. In this way, it may be possible to perceive João Antônio's original contribution to the representation of the Brazilian working classes, their possible desires and dilemmas, participating in a tradition that, in one way or another, is still present in authors of contemporary generations.

**Keywords:** João Antônio; *Malagueta, Perus and Bacanaço*; The worker in Brazilian literature; Literature and working classes.

**Texto recebido em: 16/03/2024**

**Texto aprovado em: 14/06/2024**

### **A ficção de João Antônio e a representação do trabalhador na literatura brasileira<sup>1</sup>**

Em 2023, a notícia é de que cerca de dois quintos da população economicamente ativa brasileira ocupam postos de trabalho informais (Amorim,

2023), marcados, em grande parte, pela chamada precarização do trabalho. Novos ofícios, novas formas de exercer ocupações já bem conhecidas, são apenas possíveis aproximações a um mundo do trabalho que vem progressivamente tomando forma diversa da conhecida nos dois últimos séculos, tocando mesmo a própria imagem do que consideramos ser a figura do trabalhador – e, não menos reproduzindo a brutal desigualdade secular brasileira. Frente a esse quadro, talvez rememorar o imaginário ou as formas de representação do trabalhador na literatura brasileira seja um exercício salutar. Talvez, não por conta da matéria em si, pelo que ela apresentaria de semelhança com a realidade dos fatos: as formas pelas quais tal figuração foi realizada, suas lacunas, bem como a recepção que tiveram em nossa crítica e historiografia literária podem ser inclusive mais importantes como modo de lançar luz sobre insuspeitados aspectos da situação contemporânea.

De início, é preciso considerar que existe certo clima nos estudos literários recentes, e mesmo em falas ou posições públicas de escritores, que negam à literatura brasileira a proximidade, ou mesmo a autenticidade ou representatividade da temática do trabalho e do trabalhador. Regina Dalcastagnè, em estudo já célebre (2012, p. 17-48), diz de uma representação inautêntica da vida das classes populares brasileiras em parte da tradição ficcional brasileira, tendendo ao estereótipo ou – na proximidade, a meu ver, com uma linguagem crítica já tradicional, quase um lukácsianismo fora do tempo e quiçá involuntário – à fetichização de suas experiências. Afora algumas exceções, a literatura brasileira seria marcada por uma visão distanciada da vida do trabalhador, especialmente pelo seu corte elitista – o que é verdade – aspecto apenas sanável pela emergência de novas vozes na literatura contemporânea (Dalcastagnè, 2012, p. 46-48). Para além de alguma teleologia e dos generosos propósitos, talvez tal contribuição tenha certo impacto negativo, ao desconsiderar uma tradição que, mesmo supostamente problemática, tem algo a nos dizer. Sérgio Gonzaga já explorara algo semelhante em “Literatura marginal”, texto publicado há mais de quatro décadas, ao afirmar, em seu desfecho, que alguma novidade deveria advir dos novos escritores que se alfabetizavam no período, tendo acesso a uma educação básica negada às gerações anteriores (Gonzaga, 1981, p. 153). Não há dúvida de que se trata de uma mudança – alvissareira – para a literatura brasileira, ao considerar a emergência de novos sujeitos no campo, inclusive com boas vendagens e, hoje, editoras de grife. A questão, para os fins deste texto, é revisitar a tradição, e nela revelar questões

postas pelo presente, inclusive considerando sua repercussão em autores recentes, muitos dos quais dela constroem suas referências particulares.

Na mesma toada seguiu Luiz Ruffato, que há alguns anos anunciava sua pentalogia *Inferno provisório*. Em suas posições públicas – instigantes, é claro, especialmente se vistas sem reserva –, Ruffato afirmava que a literatura brasileira não se detivera sobre o trabalhador, em si; mas, tinha dito algo sobre o malandro, o marginal, o operário revolucionário etc. (Nuzzi; Oddi, 2014). Tratava-se de um olhar, a esposar o ponto de vista do autor, pouco interessado na consideração da vida do trabalhador comum. É certo que há nisso algum fundo de verdade; porém, essa suposta predominância não revelaria algo sobre o modo pelo qual o escritor brasileiro mira a classe trabalhadora, ou, para sermos mais exatos, as classes populares? Ruffato afirma, em seu texto “Meu projeto literário”:

é o entrecruzamento das experiências ‘de fora’ e ‘de dentro’ dos personagens o que me interessa. Importa-me estudar o impacto das mudanças objetivas (a troca do espaço amplo pela exiguidade, a economia de subsistência pelo salário etc.) na subjetividade dos personagens. Erigir essa interpenetração da História com as histórias, acompanhar a transformação do país pelos olhos de quem verdadeiramente a comanda, eis minha proposta (Ruffato, 2010, p. 387).

O projeto de Ruffato é ambicioso e sua qualidade pode ser aferida nos romances da série. Contudo, não seria justamente esse entrecruzamento entre experiência histórica objetiva e experiência subjetiva marca de muitos dos autores de nossa tradição? Para não irmos para além do início do século XX, tal me parece uma boa aproximação a alguns textos ficcionais de Lima Barreto, por exemplo, ou a muito do que o romance de 30 produziu. E é, em meu ponto de vista, justamente a situação de um autor como João Antônio, contista conhecido celebrenemente pelos seus tipos da rua – malandros, marginais, o trabalhador miúdo –, que expus alhures (Silva, 2019). Entre a experiência social de um Brasil em mudança e a figuração da subjetividade das classes populares brasileiras, João Antônio talvez ainda seja algo vítima de alguns clichês de sua recepção, que vira e mexe dão as caras. Quando falamos de *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963), o conto homônimo surge como carro-chefe, evidentemente, e talvez ofusque as demais narrativas da obra. Porém, penso que caiba uma revisitação a este livro, não apenas pelo que ele possui como interesse para a época e para a literatura de seu momento, mas pela

sua importância na obra de João Antônio, compreendida como um projeto literário mais ou menos coeso. Ao lado dos três malandros, há, na coletânea de contos de 1963, um pequeno painel de tipos populares que dão a medida do interesse de João Antônio pela representação das classes populares brasileiras, bem como indicam elementos que marcam sua particularidade, sua experiência nacional. O mesmo, é claro, se pode dizer sobre o que tange ao trabalho e ao trabalhador no Brasil.

*Malagueta, Perus e Bacanaço* é dividido em três partes: “Contos gerais”, “Caserna” e “Sinuca”. A divisão, no entanto, é relativamente enganadora, se ficarmos apenas no que cada uma poderia representar no livro. Se há unidade evidente em “Caserna”, composta de dois contos nos quais é narrada a experiência de jovens praças no sufocante meio militar, “Sinuca” vai para além da vida da malandragem enquanto tal, embora ela permaneça como ponto de contato. “Visita”, por exemplo: o conto diz, em primeira pessoa, da vida falhada do protagonista, entre as lembranças nostálgicas de seu passado na vida boêmia, ganhando aqui e acolá com a sinuca em sua amizade e parceria com Carlinhos, e seu presente num modorrento trabalho atrás de uma mesa de escritório. Outro, “Frio”, com a caminhada do pequeno garoto negro atravessando a São Paulo noturna para a entrega de uma encomenda de seu companheiro, quase um pai adotivo. A sinuca entra, de fato, como elemento mais evidente antes do conto que dá nome à coletânea, em “Meninão do Caixote”, sobre um garoto-prodígio na sinuca, desbancando os mais velhos e considerados no meio, que se resigna, ao cabo, à vida familiar: talvez uma espécie de jovem que aprende que a arte não valha a pena frente a considerações outras que envolvem a relação afetuosa com sua mãe e a nostalgia de seu pai – para ser poeta, da sinuca no caso, a arte cobra, ou cobraria, seu preço. Para fechar, o conto-título, com a fracassada ronda dos três malandros Malagueta, Perus e Bacanaço, pela noite de São Paulo, em busca de conseguir algum dinheiro para o sustento imediato, reforçando o tom melancólico dos contos anteriores e a adesão do narrador à psicologia de seus personagens, por meio de uma recriação eficiente do tom coloquial, sem desprezar as qualidades rítmicas e sintáticas próprias dos textos de João Antônio – algo entre a emulação do ritmo, da prosódia e a elaboração poética da fala e da consciência populares.

Se “Contos gerais”, como o próprio título indicaria, é composto de narrativas curtas sem aparente unidade temática, não é possível deixar de lado certo aspecto que identifica as três narrativas às restantes: em *Malagueta, Perus e Bacanaço* a

caracterização dos personagens é sempre relacionada a determinado ofício – ou à negação deste, no caso da malandragem. “Busca”, cujo protagonista é chefe de soldagem, é um conto-irmão de “Visita”, da seção “Sinuca”; “Afinação da arte de chutar tampinhas”, praça, instrutor de jiu-jitsu e contabilista são, para além da narrativa de tom metaliterário sobre o aprimoramento da técnica – de chutar tampinhas ou possivelmente do ofício, quicá, de escritor? – as ocupações do personagem principal. Em “Fujie”, conto em primeira pessoa sobre um amor adúltero – a presença do amor, aqui, é única, a par, somente, do amor filial em outros contos –, o personagem é empregado de um estúdio de fotografia, onde conhece a amante, esposa de seu melhor amigo. É um verdadeiro sestro do narrador joãoantoniano situar a ocupação de seus personagens. Em todos os contos, a designação do ofício aparece como ponto da composição – pode não ser central em todos eles, embora o seja na maioria. O que importa, no entanto, é a constante, como elemento formal: a experiência “de dentro”, como diria Ruffato no texto citado, não pode ser construída sem a menção às maneiras de subsistência; o que é revelador, e muito. Aqui, João Antônio pensa uma experiência social brasileira que aproxima o trabalhador, digamos, regular, formal, dos expedientes de outros personagens. Todos são, em alguma forma, possibilidades brasileiras do exercício da subsistência, para muito além de uma possível imagem ideal do que seria, por excelência, o trabalhador.

Quando Graciliano Ramos realizara, em “O fator econômico no romance brasileiro”, uma acusação à literatura que elide a figuração da vida material de seus personagens, é a esta dimensão, especialmente, a que ele se refere: as “pequenas verdades” (1972, p. 326) da vida material são necessárias à “verdade” mais ampla, no que tange à caracterização dos entes narrativos bem como ao sentido do texto. Não cremos que se trata, aqui, apenas de uma adesão naturalista a uma suposta realidade, na construção de um efeito de real ou coisa que o valha.

Sem deixar de fazer referência à inserção e à função da literatura política do momento, em que essa dimensão possuía foros de lugar comum, no caso de Graciliano pensamos na ligação que há entre a construção consistente de seus personagens, à própria experiência, transfigurada literariamente, das classes sociais que são objeto da narrativa. Trocando em miúdos, sem a dimensão da vida material, contemplada na narrativa, teríamos, como diria Graciliano Ramos, “apenas metade de um homem” (1972, p. 105), uma representação aquém da ideal

para a sua plena eficiência literária. Em João Antônio, a caracterização da experiência histórica e da subjetividade das classes populares urbanas brasileiras realiza-se em função do – ou, quiçá, em conjunção indispensável com o – ofício exercido, ainda quando a negação do trabalho convencional, pela recusa ou pela miséria propriamente dita, são a matéria do conto. Em suma, a recorrência da menção ao trabalho, necessário para a figuração da experiência das classes populares, ganha tons de lugar-comum, logo, elemento formal indispensável à construção dos caracteres.

### “Vida cinzenta”

A gris melancolia é traço comum a todas as narrativas de *Malagueta*, *Perus e Bacanaço*. Seja na chuva que cai enquanto o narrador de “Fujie” pensa e luta contra seus instintos em relação ao amor proibido pela personagem que dá título ao conto; seja no ofício duramente suportado no quartel, na prisão militar ou curtindo a fome apenas sanada pela solidariedade de uma vizinha pobre; seja ainda no trajeto noturno do garoto do conto “Frio”, nos constantes *flashbacks* e no constante uso do discurso indireto livre, que relatam o passado e o presente de pobreza do menino ora adotado por um marginal; ou, ainda, sem esgotar a questão, na andança dos três malandros do conto principal, terminada em fracasso inexorável, o fato é que um traço taciturno atravessa as páginas da coletânea. Poderíamos chamá-lo, como já fiz em outras ocasiões (Silva, 2019; 2023) de “vida cinzenta”, expressão que parece condensar a experiência dos integrantes das classes populares brasileiras na obra, presente no conto “Visita”.<sup>2</sup> Nas palavras do protagonista, enquanto mira a pobreza da rua de uma “vila mesquinha” e de seus habitantes:

O casario feio abriga mal gente feia, encardida, descorada. (...) As ruas com seus monturos, cães e esgotos, muitas vezes me davam crianças que saíam do grupo escolar. Não me agradavam aqueles pés no chão movendo corpinhos magros. Qualquer ignorante poderia perceber que aquilo não estava certo, nem era vida que se desse aos meninos. Eu saía do botequim, chateado e fatalmente enveredava mal. Encabulação, cachaça, erradas, desnor-teava-me no jogo. Um sentimento confuso, uma necessidade enorme de me impingir que não era culpado de nada. Os meninos magros iam porque iam. Culpada era a vila ou alguém ou muitos. Eu também engolia aquele pó, igualmente amassava aquele barro, aguentava aquela vida cinzenta. Podia mudar o quê? Não havia sido um menino como

aqueles, pé no chão, desengonçado? Nos dias de chuva eu não me encolhia nessas ruas feito um pardal molhado? Sem eira nem beira? Eu tinha culpa de quê? (Antônio, 2012, p. 110).

A composição desta passagem é modelar na obra de João Antônio. Caminhando pela vila – o motivo da deambulação é dos mais frequentes na obra do autor – o protagonista, empregado de escritório, observa e considera a vida dos pobres moradores, especialmente a das crianças, criando uma relação ambígua entre a distância – que acusa a situação supostamente não compartilhada – e a aproximação com sua condição de vida e experiência. Os elementos da paisagem, nomeados, ajudam a compor a atmosfera cinzenta: gente encardida, descorada, o pó das ruas e o barro figurando a aproximação com o mesmo tipo de posição social e ofício sem significado – amassar o *mesmo* barro; finalmente, a chuva acabrunhadora, símbolo máximo do silencioso incômodo na consciência do protagonista. Ainda, é notável que a recusa não se traduz em ação ou ato de rebeldia: casa-se à melancolia a atonia, a inércia, que isenta ilusoriamente o narrador pela culpa em relação à miserabilidade que, certamente material no outro, nele ganha característica de um fracasso existencial, ligado à alienação e ao tédio de seu ofício: “[mas], amanhã, a repetição dos relatórios” (2012, p. 114). Note-se, ainda, em “Visita”, outro recurso utilizado em mais de uma narrativa da coletânea: conto apresenta um enredo circular, entre a rememoração inicial do vitorioso e nostálgico passado na sinuca e na boêmia, ao lado de Carlinhos, e o presente de um jogo ruim, feio, sem arte, sintoma da própria vida do personagem no presente da narração. Em “Busca” e em “Malagueta, Perus e Bacanaço”, tal recurso também é utilizado, sugerindo sentidos muito próximos: a inércia, o tédio, a imobilidade – social, existencial, afetiva – e, não menos, a aparência de uma situação que não sugere alternativas: “[eu] tinha culpa de quê?” (2012, p. 110).

Em “Busca”, por sua vez, tal sentimento de imobilidade se dá especialmente pela lenta cadência da narrativa, uma eficiente sugestão do tédio dominical na vida de um trabalhador, que usa seu dia livre – inutilmente –, como ocasião para uma procura, como diz o título, de um objeto indefinível, cuja resposta não está exatamente no passado e sequer se vislumbra no futuro – o caminhar confinado pela saída e pela necessidade de retorno são sucedâneos, em certa medida, de uma busca espiritual que não chega a termo. O limo da parede do tanque, as manchas no chão de seu quintal (2012, p. 51) parecem estender-se do cenário para a própria estagnada vivência do protagonista Vicente.

Nesses dois contos, “Busca” e “Visita”, em especial, a figuração da “vida cinzenta” do trabalhador é o que dá o mote da narrativa. Em partes separadas da coletânea, o que evita talvez o “contágio” de sentido de uma leitura que se ocupasse consecutivamente dos dois contos, não se ilude, ainda assim, a percepção das semelhanças entre ambos, fazendo imaginar um idêntico protagonista. A semelhança de motivos – a caminhada, especialmente –, técnicas – o jogo temporal, a circularidade etc. – a complexa relação entre o personagem e seu ofício, como aspecto fulcral para a melancólica reflexão sobre o presente, fazem destas duas narrativas algo como um microcosmo da maneira pela qual João Antônio projeta literariamente a vida do trabalhador. A situação subjetiva apenas se completa tendo em perspectiva a relação estabelecida com o trabalho, invariavelmente insatisfatória, voltando-se de modo nostálgico para um passado perdido – para Vicente, no boxe; para o protagonista de “Visita”, na vida boêmia – e sem perspectiva de futuro, em um presente aprisionador e virtualmente imutável. Ora, tal dimensão, se é a do trabalhador comum, miúdo, não deixa de comparecer também em outros contos, ainda que possuam matéria e elaborações formais específicas.

O interessante, em *Malagueta, Perus e Bacanaço*, é uma espécie de caráter global da obra que, para além de lhe garantir unidade – desejável em uma bem-acabada coletânea de narrativas curtas –, aponta para um sentido de compartilhamento de experiência das classes populares brasileiras, que pode se encontrar na pobreza, no trabalho, na insatisfação com a vida corrente etc. A partir disso, e retomando a reflexão de que a menção ao ofício constitui traço recorrente da obra, como forma indispensável à caracterização dos personagens, talvez seja possível se notar uma identidade insuspeitada entre as diferentes categorias de personagens e suas posições sociais, bem como podemos dizer da proximidade ou risco constante do trabalho converter-se em seu termo supostamente oposto: o ócio, que exige, no entanto, o ofício dos expedientes para sua reprodução. Tal seria o limite da experiência do protagonista de “Visita”, que desejosamente mira seu passado à roda das mesas de sinuca. Seria isso indicativo de uma oposição entre trabalho e malandragem ou uma contiguidade que nos levaria a dizer das diferentes formas de se virar num contexto onde a possibilidade de exercer um ofício digno é escasso, para além de seu impacto negativo na constituição subjetiva do indivíduo?<sup>3</sup> Como uma espécie de painel social ficcional, *Malagueta, Perus e Bacanaço* oferece

uma reflexão sobre as formas do trabalho no país, bem como para as sombras da economia de subsistência do sujeito na metrópole que ainda não tinha alcançado as formas de desumanização contemporâneas.

### **Na caserna**

Os dois contos sobre a vida militar, presentes na seção “Caserna”, talvez sejam dos menos estudados na obra de João Antônio. Publicado em 1963, *Malagueta, Perus e Bacanaço* fora escrito nos anos imediatamente anteriores, e certamente não podia prever o que aconteceria com a democracia brasileira um ano depois – não é difícil de notar, de passagem, que a mudança social e política brasileira ocorrida nos anos de supressão das liberdades democráticas afetou o trabalho jornalístico, no qual João Antônio militou durante toda a vida, bem como acrescentou novos elementos à sua obra.<sup>4</sup> Apesar de não ter por foco diretamente uma abordagem das instituições militares e seu papel na política nacional, há a menção, em “Retalhos da fome numa tarde de G. C.” à revolta de Jacareacanga (2012, p. 79), movimento golpista liderado por setores da aeronáutica, contra a posse do presidente eleito Juscelino Kubitschek, no início de 1956. Não obstante, os dois contos são significativos para o estudo do imaginário sobre o meio militar, especialmente para os de baixa patente – aqui, entra a figura do trabalhador no serviço militar, com questões conexas ao que estamos tratando. A epígrafe da seção é significativa: “Soldado é aquilo que fica debaixo da sola do coturno do sargento” (2012, p. 73).

“Retalhos de fome numa tarde de G. C.” e “Natal na cafua” possuem uma estrutura de enredo bastante semelhante: à narração – em terceira e em primeira pessoa, respectivamente – da série de agruras da vida no serviço militar, opõe-se, num como noutro, a solidariedade insuspeitada, seja a de uma outrora importuna garota vizinha ao quartel – que divide sua parca comida com o protagonista Ivo – seja a do sargento Magalhães, que oferece um cigarro ao praça injustamente preso por um superior. Ambos os personagens são jovens, e os contos aparentam certo tom confessional, inclusive pelo teor semelhante das ações e digressões.<sup>5</sup>

O aspecto da vida militar é semelhante em seu caráter bastante peculiar: misturando o imprevisto à falta de apuro no serviço, o autoritarismo de tiranetes e a vida precária dos soldados, a imagem não é lisonjeira, pelo contrário; ponto de

passagem obrigatório na vida dos jovens do sexo masculino, o serviço militar atrapalha, na palavra dos contos, os estudos e o desenvolvimento pessoal, em torno de um ofício sem sentido. Esta relação conflituosa com o trabalho é uma dimensão dos contos que compõem o restante do livro, e traçam como que um ponto de passagem entre os “Contos gerais” e os de “Sinuca” – caso notemos que estas últimas seções se dedicam a aspectos diversos, embora complementares: a vida de uma baixa classe média e os contos que possuem alguma relação com a vida da marginalidade e da boêmia simbolizadas no jogo.

“Retalho da fome numa tarde de G. C.” é exemplar ao representar a rotina de trabalho no quartel. O andamento do enredo, que alia o diálogo com os companheiros às digressões lamentosas sobre a vida fardada, parcamente paga e ainda mal servida de alimentação, apresenta personagens como Domício, ex-expedicionário e pessoa francamente afeita ao protagonista Ivo. Tais figuras, opostas ao ramerrão cotidiano, aparecem, no entanto, como elementos que não cabem na caserna: Domício é expulso, por ter supostamente engravidado Tila, a garota vizinha ao quartel, que vivia em redor dos soldados. Em suma, qualquer expressão de amizade ou amor, qualquer elemento que se contraponha à mambembe e autoritária sisudez militar é excluído, mantendo os praças como vítimas do trabalho em regime de disciplina, sem as devidas condições para tal exigência. A aproximação de Ivo e Tila, ao desfecho, é significativa de algo presente em boa parte dos contos de João Antônio: a despeito da precariedade da vida miúda, da vida popular tendente à miserabilidade, há uma possibilidade de solidariedade que desponta, como uma espécie de horizonte positivo ou, ao menos, aspecto lenitivo, em contraposição ao presente. Um horizonte, portanto, que, a despeito de não possuir programa político ou revolucionário, como seria caro a parte da produção cultural brasileira da década de 1960, é significativo de uma visão empática à experiência das classes populares, e se manifesta formalmente, em especial, pela adesão ou proximidade da linguagem do narrador à dos personagens, aspecto comum às narrativas da coletânea e, de resto, a toda a obra de João Antônio. O que importa, para esta aproximação à literatura do autor, neste conto e em “Natal na cafua”, é a consideração do trabalhador miúdo num meio pouco explorado pela literatura brasileira, em especial considerando a subjetividade do soldado subalterno, cuja identificação aos demais personagens da coletânea é flagrante. Seja a relação com a vida cinzenta, seja, por meio do ofício relativamente

anômico ao qual o praça é relegado, a despeito da suposta ordem militar do quartel, flagra-se uma tangível unidade de concepções de mundo e estados subjetivos da classe trabalhadora brasileira, construída tendo sempre como ponto fundamental sua relação com o ofício. Entre pequenos trabalhadores, malandros e militares de baixa patente, João Antônio constrói uma galeria de personagens representativos da vida do trabalho no Brasil, inclusive no que se refere à negação do próprio ofício, como elemento incontornável para sua representação das classes populares.

### **O espaço da malandragem**

Em tese, o universo da malandragem deveria ser o mundo da negação do trabalho, o domínio do ócio. É certo que a malandragem, como entendida no imaginário nacional, e estudada por diversos autores, implicaria também uma forma de expediente para a subsistência material, bem como certa negação ao trabalho alienante ou, ainda, como sugere o clássico ensaio de Antonio Candido dedicado ao romance *O cortiço*, uma recusa do homem livre ao trabalho em um país de raiz escravocrata (Candido, 1993).

Na literatura de João Antônio, considerando o carro-chefe do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*, não é exatamente assim que ocorre. A despeito da representação que elide grande parte da violência à qual estes sujeitos são relegados, bem como a que impingem sobre outros,<sup>6</sup> – “a pilantragem miúda e quase inofensiva”, como diria Tânia Pellegrini (Pellegrini, 2008, p. 183) –, a ronda dos três malandros pelas ruas de uma São Paulo noturna e cinzenta é marcada por uma notável dualidade entre desejo e falta, tentativa e fracasso, que marca não apenas o jogo da sinuca, mas a própria vida dos personagens: “a mesa é triste, dolorida como a bola branca que cai” (2012, p. 93).

O acabamento circular do conto, no que tange à espacialidade e ao retorno à condição da falta, por conta do fracasso no último estágio do jogo, reforça esse caráter opressivo, que não prevê qualquer pintura otimista ou entusiástica da malandragem, embora certamente seja de uma simpatia ímpar com a sorte dos personagens. São caracteres que se opõem ao trabalho regular não pela índole, num sentido diríamos “lombrosiano”, mas que reconhecem ao menos tacitamente seu lugar subalterno, compondo a parte prejudicada de uma sociedade que os relega às margens. Há passagens memoráveis, como quando o velho Malagueta

mira um cachorro de rua, e nele reconhece sua imagem: “[um] sofredor, um pé de chinelo, como o cachorro. Iguazinhos” (2012, p. 152). Ou, mais, quando atravessam o bairro da Água Branca e a região de Perdizes:

Aqueles viviam. Malagueta, Perus e Bacanaço, ali desencontrados. O movimento e o rumor os machucavam, os tocavam dali. Não pertenciam àquela gente banhada e distraída, ali se embaraçavam. Eram três vagabundos, viradores, sem eira, nem beira. Sofredores. Se gramassem atrás do dinheiro, indo e vindo e rebolando, se enfrentassem o fogo do joguinho, se evoluíssem malandrangens, se encarassem a polícia e a abastecessem, teriam o de comer e o de vestir no dia seguinte; se dessem azar, se tropicassem nas virações, ninguém lhes daria a mínima colher de chá – curtissem sono e fome na cadeia.

Aqueles tinham a vida ganha. E seus meninos não precisariam engraxar sapatos nas praças e nas esquinas, lavar carro, vender flores, vender amendoim, vender jornal, pente, o diabo... Depender da graça do povo na rua passando. E quando homens, não surrupiariam carteiras nas conduções cheias, nem fugiriam dos quartéis, não suariam o joguinho nas bocas do inferno, nem precisariam caftinar se unindo a prostitutas que os cuidassem e lhes dessem algum dinheiro.

Um sentimento comum unia os três, os empurrava. Não eram dali. Deviam andar. Tocassem (2012, p. 151).

A passagem é exemplar da caracterização psicológica dos personagens de João Antônio. É visível certo compartilhamento de avaliações e posições entre o narrador e os demais entes ficcionais, a partir de uma utilização muito particular do discurso indireto livre, apanágio da literatura do autor. A repetição presente na abertura dos dois parágrafos – “aqueles”, os remediados – dá início ao contraste entre as duas situações sociais, puxando a apreciação das condições e da sorte dos pobres, bem como, no segundo parágrafo, a uma enumeração de ofícios e expedientes que os distingue da camada mais bem situada. É especialmente notável esse segundo segmento: ao expediente informal miserável, mas socialmente – em certa medida – tolerado, a passagem alia e enumera ofícios que se encontram à margem da lei, numa espécie de deslizamento imperceptível, porque a enumeração iguala em sentido as saídas ou respostas à condição de pobreza. Trocando em miúdos, o engraxar de sapatos ou a venda nas ruas de objetos de valor insignificante, a mendicância, o furto, o jogo, a cafetinagem são postos em posição de igualdade, como alternativas equivalentes ao trabalho negado ou inexistente, como possibilidade, em suma, de *se virar*, para garantir a subsistência imediata. A moralidade comezinha, aqui, é abolida, porque o espaço da moral pertenceria

apenas a quem a pode reivindicar: “aqueles”. A vida cinzenta do trabalhador miúdo, que vislumbramos em “Busca”, “Visita” ou nos contos da caserna, aqui retorna no mundo supostamente da negação do trabalho, suplantado pelo expediente, e não exatamente pelo ócio. Trata-se de uma intuição literária fundamental para a reflexão sobre a abissal desigualdade brasileira e a vida às margens de uma camada significativa da classe trabalhadora. Significativamente, o terceiro e curto parágrafo, para além de uma decisão repentina sobre a necessidade de deixarem aquele espaço, lembra, em seus cortes rápidos de período, um animal ou um indivíduo sendo tangido: “[não] eram dali. Deviam andar. Tocassem” (2012, p. 151). Ainda que Bacanaço, no começo do conto, chame de “trouxas” os que “andam como coiós apertando-se nas ruas por causa de dinheiro” (2012, p. 137), sabemos que a sorte dos três malandros não será muito diversa.

Se “Meninão do caixote” explora outros âmbitos, para além da questão do trabalho ou da posição social do garoto protagonista – embora se note que complementarmente o conto figura um interessante painel de uma família da classe trabalhadora brasileira e do ambiente boêmio no qual o menino adentra vitoriosamente, desbancando os craques da sinuca –, “Frio”, também focado em um jovem, talvez seja mais próximo do que notamos em “Malagueta, Perus e Bacanaço”. Essa proximidade se dá, sobretudo, pela ambientação semelhante do conto, no que tange à ronda noturna pela cidade de São Paulo, bem como pelo caráter marginalizado do garoto, que vive com um amigo que faz as vezes de pai adotivo – o malandro Paraná. A tarefa do garoto é levar um embrulho a mando de Paraná para o bairro de Perdizes, ação narrada em consonância com as reflexões do menino, com farto uso do discurso indireto livre.

Das melhores narrativas da coletânea, para além do enredo e da caracterização do protagonista francamente tocantes, o conto aponta para a situação da marginalidade brasileira, a aparente não resolução de seus anseios mais básicos. Tal se dá, por um lado, pela relação do garoto com Lúcia – menina de maiores posses, que descortina ao garoto um mundo desconhecido – e pela própria ignorância do garoto frente a seu papel e à finalidade de sua tarefa, além do término em aberto da narrativa, ao não indicar se a missão do menino fora realmente cumprida.

O narrador, ao aderir, em grande parte, à consciência do garoto, entre suas lembranças e confusos pensamentos enquanto percorre as frias ruas da capital

paulista, seleciona as informações para o leitor de modo a emular certa inconsciência do pequeno protagonista: de onde viera? O que continha o pacote? A tarefa confiada por Paraná fora concluída com êxito? A aparente irresolução, a inconsciência e a inocência do garoto, marcadas pela precariedade de uma vida delimitada pela subsistência mais imediata reforçam um sentido de ausência de horizontes básicos para a vivência do marginalizado. Como nos contos de acabamento circular do enredo presentes na obra, há em “Frio”, desde o título, uma ausência de perspectivas imediatas para a emancipação dos personagens.

Em *Malagueta, Perus e Bacanaço*, nos diferentes contos, que vão do trabalhador comum ao pequeno marginal urbano, há uma linha que os unifica, que parece sempre residir nessa melancólica notação, uma marca cinzenta, que cerca a vida das classes populares brasileiras, e que caracteriza a representação de sua experiência de mundo. De uma ou outra forma, e a despeito da relação de simpatia construída entre o narrador e os demais entes ficcionais, ou pelo uso mesmo da primeira pessoa, é perceptível a caracterização de uma aporia brasileira, que está na irresolução da desigualdade e na ausência de sentido na experiência do trabalho e da vivência na urbe que se modernizava.

### **Considerações finais**

Se *Malagueta, Perus e Bacanaço* teve sua celebridade marcada pelo conto dos três malandros, bem como pela vida marginal que apresenta em outras narrativas, não deixa de ser interessante pensar que eles compõem com as demais um painel mais amplo das classes populares brasileiras, com destaque para suas formas de vida e de trabalho. Desse modo, é possível afirmar, por certo, que a notoriedade de João Antônio como escritor da vida marginal urbana brasileira é retrato apenas parcial de sua obra.

Trabalhadores, expedienteiros, marginais, crianças em situação de abandono, jovens à roda da vida ainda sem perspectiva, são aspectos diversos da experiência social brasileira figurada nesta obra. É interessante que, mesmo a seis décadas desta estreia do contista, embora o Brasil tenha passado por mudanças bastante drásticas, o livro ainda possa indicar aspectos próprios à vivência das camadas subalternizadas da sociedade.

Ambientado num Brasil ainda em transição do rural para o urbano, talvez traços da sociabilidade à antiga maneira ainda permaneçam, como certa dinâmica ainda tradicional das periferias, ou mesmo a relação com a violência ainda distante do caos urbano contemporâneo. Ainda assim, caso pensemos na obra como uma espécie de constelação, um todo mais ou menos coeso, que pode sugerir sentidos insuspeitados a partir da visão de conjunto, é possível flagrar uma espécie de identidade de experiências entre os diferentes personagens: a precariedade material e existencial premente, a “vida cinzenta” do trabalho alienante ou da pobreza, a ausência de horizontes de emancipação e as formas de sustento apenas imediatas. Não seria demais pensar, quem sabe, se essa matéria literária ainda não representaria em grande medida a vivência das classes populares no Brasil, em momento no qual as próprias formas do trabalho vêm se alterando drasticamente, mantendo, embora, a brutal desigualdade do país. João Antônio, em *Malagueta, Perus e Bacanaço*, parece enviar para o futuro uma espécie de mensagem, retomada hoje pela escrita de novos valores contemporâneos da literatura brasileira, como Geovani Martins e José Falero, entre outros, que, em variados matizes, buscam enquadrar as possibilidades da experiência das classes populares brasileiras em sua relação com o trabalho e a vida cotidiana

## NOTAS

- <sup>1</sup>. Este texto retoma e desenvolve algumas reflexões já registradas no capítulo “Vida cinzenta’: João Antônio e a representação do trabalhador na literatura brasileira”, publicado no livro *Sempre a jogo: 60 anos de Malagueta, Perus e Bacanaço* (Ornellas; Silva, 2023) e apresentadas no evento “Acervo João Antônio em Perspectiva - 60 anos de *Malagueta, Perus e Bacanaço*”, organizado pela Unesp, *campus* Assis, em palestra homônima. Agradeço, nesta oportunidade, as contribuições dos demais participantes do evento, em especial as considerações da professora Telma Maciel da Silva.
- <sup>2</sup>. O primeiro título do livro, como se sabe, seria justamente *Aluados e cinzentos*, como lembra parte da fortuna crítica sobre o autor. Ver, especialmente, Corrêa (p. 47 e ss.).
- <sup>3</sup>. Talvez o conto “Guardador”, publicada em livro no volume *Abraçado ao meu rancor*, de 1986, possa dar algumas respostas sobre esta questão. O enredo detém-se sobre um miserável guardador de carros, alcoólatra e morador de rua: nem trabalhador *tout court*, nem marginal, algo que se equilibra entre a tentativa de subsistência e o uso do expediente miúdo.
- <sup>4</sup>. Sobre a atuação de João Antônio nos anos da ditadura, ver Silva (2019), onde compilo e analiso alguns aspectos de sua obra jornalística e literária no período. Faço a ressalva, porém, de que a temática carece de maiores estudos, a começar pela atuação do contista paulistano na imprensa alternativa.

5. Algo semelhante afirmara Bruno Zeni (2016, p. 180) sobre as narrativas da seção “Contos gerais”.
6. É preciso esclarecer que a violência *está presente* no conto e em outras narrativas do autor, obviamente. Note-se, em “Malagueta, Perus e Bacanaço”, por exemplo, a violência exercida por um policial corrupto sobre o garoto Perus, bem como a exercida por Bacanaço contra Marli. Ainda, seria possível falar de uma violência econômica e simbólica (Lopes, 2022) sobre esses personagens, o que é importante, aliás, para nossos argumentos. O que justifica a afirmação, no entanto, é a linguagem, a forma diferente da praticada pela literatura que ganharia força a partir da década de 1970, especialmente, com autores como Rubem Fonseca, entre outros, no rumo de uma estética da violência, adequada à figuração dos novos tempos e das novas experiências urbanas brasileiras.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Daniela. Quase 39 milhões de brasileiros estão na informalidade, aponta IBGE. *CNN Brasil*, 29 set. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/quase-39-milhoes-de-brasileiros-estao-na-informalidade-aponta-ibge/>.

ANTÔNIO, João. *Contos reunidos*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993, p. 123-152.

CORRÊA, Luciana Cristina. *Merdunchos, malandros e bandidos: estudo das personagens de João Antônio*. 2002. 143 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2002.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo, SP: Horizonte, 2012.

GONZAGA, Sérgio. Literatura marginal. In: FERREIRA, João-Francisco (org.). *Crítica literária em nossos dias e a literatura marginal*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1981, p. 143-152.

LOPES, Leandro de Oliveira. *Dialética da impossibilidade social (ou a dialética do sonho e do impedimento): um estudo sobre João Antônio*. 2022. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022.

NUZZI, Vítor; ODDI, Sônia. Trabalhadores dão vida aos livros de Luiz Ruffato. *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 94, 21 abr. 2014. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/quando-escrever-e-compromisso-6099/>.

ORNELLAS, Clara Ávila; SILVA, Telma Maciel. *Sempre a jogo: 60 anos de Malagueta, Perus e Bacanaço*. Campinas, SP: Pontes, 2023.

PELLEGRINI, Tânia. *Despropósitos: estudos de ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2008.

RAMOS, Graciliano. O fator econômico no romance brasileiro. In: *Linhas tortas*. 5. ed. São Paulo: Martins, 1972, p. 321-327.

RUFFATO, Luiz. Meu projeto literário. *Teresa*, São Paulo, n. 10/11, p. 384-385, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116872/114411>.

SILVA, Júlio Cezar Bastoni da. *João Antônio: literatura e experiência social no Brasil*. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2019.

ZENI, Bruno. *Sinuca de malandro: ficção e autobiografia em João Antônio*. São Paulo: Edusp, 2016.

**Júlio Cezar Bastoni da Silva** é Professor Adjunto do Departamento de Literatura e do do Programa de Pós-Graduação em Letras: Literatura Comparada da Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutor em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), câmpus de Araraquara. Licenciado em Letras – Português e Inglês pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

**Como citar:**

SILVA, Julio Cezar Bastoni da. O trabalhador na literatura de João Antônio: o caso de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 20, n. 1, jan./jun. 2024. Disponível em: [pem.assis.unesp.br](http://pem.assis.unesp.br).